

ANEXO II

ORAÇÃO DO PARANINFO DOS BACHAREIS
E LICENCIADOS
NA FACULDADE DE FILOSOFIA

Padre Helder Câmara

Recentemente, uma turma de universitários, ao convidar um professor para paraninfá-los o término da carreira, comentou, sorrindo: "Nada de lição de despedida. Acabaram-se as lições. Agora, somos colegas".

Onde terminaria a prosa amável e onde começaria o aviso verdadeiro?

Permiti, meus amigos, que eu vos lembre que deixar de ser aluno não é sinônimo de deixar de ser estudante, receber um diploma não é adquirir o direito absurdo de fechar os livros, mas assumir o encargo solene de sempre estudar e sempre progredir.

Demoremos, um instante, nesse pensamento, pois outro não encontrei mais digno de prender-vos a atenção na noite solene de vossa formatura.

A exemplo de Jesus Cristo, creí, meus amigos, em sabedoria, em idade e em graça, diante de Deus e diante dos homens.

Sabeis que nessas palavras está toda a síntese do humanismo e um completo programa para a vossa vida?

Crescimento em sabedoria

Crescer em sabedoria é ver aumentada a fome de aprender e aprimorado sempre mais o sabor intelectual.

Há inteligências cheias de fastio. Que dificuldades para alimentá-las! Outras gostam de guloseimas, mas repelem os alimentos substanciais. Não faltam inteligências tomadas de voracidade, mais capazes de devorar do que de digerir.

Conforta encontrar criaturas lúcidas, que mergulham no âmago dos problemas, que não confundem o acessório com o essencial.

Alegra viver com espíritos largos, incapazes de prender-se às limitações do tempo e do espaço.

Crescer em sabedoria é ter a paixão da verdade e encontrar

um alto prazer espiritual em descobri-la onde quer que ela se ache, no Oriente ou no Ocidente, na Idade Média ou na Antigüidade, nos livros dos filósofos ou nos laboratórios experimentais.

Crescer em sabedoria é ter a paixão do Belo, é encontrar alegria puríssima em captá-lo onde quer que ele repouse — no seio da natureza ou nas entranhas das Artes.

Crescimento em idade

E crescer em idade? Não é, simplesmente, ver o tempo correr. Crescer em idade é crescer em experiência prática.

E' um encanto a ingenuidade na infância e — por que não dizer? — é um encanto a petulância na adolescência. Mas é triste encontrar um adulto ingênuo e, ainda mais triste, ver um adolescente fora de idade.

E' uma arte saber envelhecer. Não lutar com os cabelos brancos — deixar que eles venham como uma recompensa e uma coroa.

Então, não é belo um fruto que amadureceu e se apresenta na plenitude da seiva e da dulçura?

Cada dia que passa nos devia deixar mais compreensivos e mais humanos. Se recaímos em imperfeições, como não tolerar as falhas do nosso próximo? Raras vezes, aliás, o tempo corre sem conseqüências boas. Em regra, vamos aprendendo à nossa própria custa, pois é difficilimo aprender à custa alheia.

Crescimento em graça

Dependerá de nós o crescimento em graça? Graça não é vida divina em nós?

Por mais complexa que pareça, a criatura humana é pequenina e frágil. Não nos tranquemos em nossa humanidade. Rompamos os nossos laços mortais. Participemos da natureza divina, já que o Bom Deus nos convida a um divino alargamento.

Ai de quem se encarcera em seu eu eterno. Poderá dizer como Gertrudes Von Le Fort :

“Não encontro repouso em nenhuma de minhas salas: a mais tranqüila de tôdas é ainda um clamor. E a última delas é ainda uma ante-câmara, e a mais santa uma simples sala de espera, e a mais bela um pobre dia terreno”.

Quem vive da graça, pode exclamar com S. Francisco de Assis:

“E que chegue afinal aquêle grande dia
— graças a ti, Senhor, o dia há de chegar —
em que eu console sem buscar ser consolado,

em que eu compreenda mais que seja compreendido,
ame sem procurar saber se sou amado...

Porque é sempre no dar que tudo se recebe,
quem de outrem mata a sede, é quem mais bebe.

Esquecendo-nos de nós é que nos encontramos
e o perdão só nos vem quando também perdoamos.

A síntese de Walsh

O lema que eu vos proponho — crescimento em sabedoria, em idade e em graça — é apresentado por Geraldo Walsh, da Fordham University, como uma síntese do humanismo cristão. Pondera o autor de *Humanismo Medieval* que o Humanismo Evangélico nasceu da sabedoria helênica, da experiência prática romana e do amor cristão. Nasceu e progrediu. Cresceu e tornou-se apto a assimilar todos os valores que lhe surgissem no caminho.

A superioridade do humanismo cristão está precisamente na tranqüilidade que infunde. Sendo integral, arma-nos contra os despeitos do egoísmo ou contra os complexos das surpresas desagradáveis.

O humanista cristão trata, humanamente, seus irmãos unilaterais que, na chamada Renascença, exageraram a nota estética do humanismo, na pseudo-Reforma deram ênfase ao aspecto religioso, pela voz dos enciclopedistas endeusaram a razão e incidiram no sentimental no tempo do romantismo.

A lição dos tempos

O humanista cristão não esquece a lição dos tempos. Ainda se recorda — para citar um exemplo entre vários — do embate do mundo antigo com os invasores bárbaros.

A sorte do mundo esteve suspensa. Venceriam os chamados civilizados, ou os chamados bárbaros? Em qualquer das hipóteses, haveria trabalhos importantes a realizar.

De um lado, um fim de civilização, com todos os vícios que costumam acompanhar o inverno dos povos. De outro lado, homens a civilizar, pagãos a converter.

Venceu o mundo novo. E a Igreja se aproximou dos bárbaros e educou-os.

Nada constituiu barreira intransponível: nem a diferença de raça e de língua, nem o ímpeto belicoso, nem os deuses estranhos. E' um espetáculo empolgante o dessa assimilação gigantesca da qual resultou o homem novo da idade média.

Tivesse vencido o mundo antigo e a Igreja lutaria, com o mesmo ânimo, para humanizar os pretensos civilizados que, desdenhosamente, chamavam de bárbaro tudo o que não fosse greco-latino...

Serenidade em face do futuro

Para os estudiosos da marcha da cavalgada humana, os dias próximos encerram particular sedução.

Parece afastada, em definitiva, a hipótese de uma vitória nazista sobre o mundo.

Vencerão os aliados. Mas, mesmo assim, o humanismo cristão vai ter necessidade de manter-se a postos, de apelar para tôdas as suas energias naturais e sobrenaturais, para tôda a sua capacidade de assiminação.

A Nova Ordem a implantar no mundo ou será cristã, ou não será ordem, nem dará aos homens a sonhada felicidade.

As democracias irão vencer, lado a lado com a Rússia Soviética.

O humanista cristão não treme diante desse pensamento, como não treme diante de pensamento algum. Mesmo que o nazismo tivesse vencido, todos passaríamos dias amargos, mas a vitória final — a História o atesta — caberia ao pensamento cristão. Por que seria mais difícil cristanizar os discípulos de Hitler e de Rosenberg do que os homens de Alarico, de Rada-gásio, de Ataulfo ou do Huno?

O humanista cristão não empalidece diante do fantasma do bolchevismo. Para admitir que, de 1917 a 1944, a Rússia tenha evoluído, ele não precisa de depoimento algum — não é impunemente que se desrespeitam princípios naturais. Não há força no mundo que consiga esmagar, por muito tempo, direitos inscritos por Deus no próprio espírito do homem.

Os teóricos do amor livre podem deblaterar quanto quizerem — jamais conseguirão extirpar da terra a organização familiar. Os sem-Deus trabalhariam — como de fato trabalharam — em vão. Arrancar a estrutura religiosa do homem é, pelo menos, tão difícil como arrancar-lhe a natureza racional. No caso particular da Rússia, quem leu Dostoeiwski, não precisaria de depoimentos como o de Helena Isvolsky, para saber que o russo é profundamente místico.

Horrorizem-se os super-capitalistas, angustiem-se os donos internacionais do ouro — o cristão aguarda, tranqüillo, o derrame soviético sobre o mundo. Haverá ainda excessos? Expulsar a religião da face da terra é pretensão ridícula. Divórcios, abortos e limitação da natalidade não são monopólio dos bolchevistas. O abalo maior será nos domínios da propriedade — o mundo assistirá ao choque entre o abuso do direito de propriedade, abuso nascido do egoísmo burguês e o abuso da negação desse direito, como reação que se extra-limitou e se excedeu...

Não se pode deixar tomar de pânico quem possui as garantias da eternidade. Não se pode solidarizar, em excesso, com o reino da terra quem se considera exilado, em plena marcha para

a verdadeira morada. Tenhamos a coragem de pensar até o fim e de dizer a verdade toda. Evitemos, amigos, o farisaísmo de julgar que nós burgueses representamos a ordem social e a virtude, ao passo que os comunistas incarnam a desordem, o desequilíbrio e o desencadeamento das forças do mal.

Nós, também, damos e daremos trabalho à Igreja de Deus. Nós, também temos as nossas falhas e os nossos pecados.

Em nome da justiça, revoltamo-nos vendo ameaçado o direito de propriedade — os culpados somos nós que usamos mal esse direito e encobrimos injustiças sociais gritantes com esmolas generosas e espetaculares.

Tememos pela sorte da família e trememos diante do espantinho do amor livre — e, no entanto, a família burguesa vem multiplicando os crimes antinaturais, estancando as fontes sagradas da maternidade, com a conivência de métodos, que, traído o juramento de defender a vida se transformam em semeadores da própria morte.

Nem gostamos de ouvir falar na liga dos sem-Deus, mas nos esquecemos de perguntar se Deus ocupa em nossa vida o lugar que lhe cabe, se a religião repercute em cada gesto nosso ou se em nossos lábios ela não passa de uma palavra vã...

A vossa felicidade está em se ter formado o vosso espírito em uma Casa cheia do humanismo cristão.

*
* *

Kilpatrick julgou, ingênuamente, que o pragmatismo era a melhor preparação para uma civilização em mudança. Preparado para as mutações da vida está quem se embebeu da verdade católica, isto é, da verdade inteira, de toda a verdade.

Os homens vivem redescobrendo, como novas, verdades antigas de que se esqueceram ou que abandonaram. Os homens tomam como verdades inteiras fragmentos de verdade que brilham para eles como bolas de vidro ou pedaços de espelho que a criança descobriu e não consente em largar.

As Faculdades Católicas vos deram a verdade plena, a verdade independente do espaço e do tempo, a verdade primeira e última, a verdade imortal.

Como lembrança imperecível de vossa grande e bela noite, levai nos ouvidos e no coração o Cântico de juventude perene da Igreja de Cristo, a cuja sombra o vosso espírito se formou:

“Trago ainda flores selváticas nos braços,
tenho ainda os cabelos molhados do orvalho matinal dos vales primitivos.

Conheço ainda as orações que o campo gosta de ouvir,
ainda sei como se acalmam as tempestades e como se benze
a água.

Trago ainda em meu seio o segrêdo dos desertos, e em minha
frente os nobres sistemas tecidos pelos pensadores grisalhos.
Porque sou a mãe de todos os filhos da terra.

Por que me insultas, mundo, por ousar eu ser grande como o
meu Pai do Céu?

Em mim se ajoelham, vê, povos que desapareceram de há muito
e de minha alma inúmeros pagãos se ergueram ao eterno.
mente vivia nas máximas dos seus sábios.

Estava nas tôrres dos seus observatórios, estava com as solitárias
mulheres sôbre as quais o espírito soprava...

Eu fui o desejo de todos os tempos, a luz de todos os tempos, eu
sou a plenitude dos tempos.

Sou o elemento que os congrega, a grande fôrça que os prende,
sou sua unidade eterna.

Sou a encruzilhada de todos os seus caminhos: em mim é que
os milênios vão em marcha para Deus!"